



VIDA PAROQUIAL

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

Fortaleza de Fé

Recordamos neste momento o quadro doloroso, mas sublime dos primeiros tempos do cristianismo. Chamados aos tribunais, condenados à morte, atirados às feras, sofrendo os maiores vexames, os cristãos não cediam, não iam de encontro às suas crenças. Não os preocupava a família que podia ficar na miséria, ou os amigos que tinham de abandonar. O seu espírito, guiado pela fé, dizia-lhes que o caminho era a morte e diante dela não recuavam. Firme era a sua resolução, forte a sua fé.

«Homem de um só parecer, de um só rosto, uma só fé, de antes quebrar que torcer» tal o espírito aplicável ao cristão das primeiras eras.

A sua fé era a dos apóstolos, tinha ainda o vigor da palavra quente e serena do Divino Mestre. E por isso para eles a morte era apenas uma passagem — passamento como diziam — para uma vida melhor, era entrar no seio de Deus.

Poderemos dizer o mesmo dos cristãos-católicos de hoje? Seriam eles capazes de morrer pela sua Fé, como o faziam os seus antepassados na Fé? Pelo que se observa parece-nos que talvez o católico de hoje seja comodista em demasia. Se os actos da sua fé exigem sacrifícios, quer de tempo, quer de dinheiro, quer mesmo de esforço, fogem ou pelo menos fazem tudo de má-vontade.

«Sede fortes na fé» lhes diz Cristo. Mas os seus ouvidos tão habituados à música cómoda do prazer e da facilidade, não ouvem aquele convite e aquela ordem do Mestre.

E sobretudo em certos meios o respeito humano, esse medo sem razão, essa farsa mal definida, essa luta entre o que se pensa e o que se tem de fazer, é de facto a chaga, a pecha que esmaga e desvirtua a Fé de muitos. Vêmo-los afirmar que acreditam, mas realizar essa crença, eis o nó górdio. É uma fé sem obras, é no dizer do Apóstolo uma fé morta.

Sejamos fortes na Fé. Olhemos para o exemplo crepitante dos primeiros cristãos. Não tenhamos respeitos humanos.

OBSERVANDO E MEDITANDO

Noite linda de outono. O céu límpido e sereno convidava a meditar. Tudo era calma.

Nem uma leve viração ofuscava a serenidade das coisas. Sòmente no céu as estrelas cintilavam docemente. Haviam caído já algumas folhas, amarelecidas pelos rigores estivais.

Que pureza, que doçura, que doce beleza!

Como é bela a vida assim vivida com o sentir da natureza, ao ritmo das belezas etéreas.

Caminho além, alumado por terno ideal, segue um jovem, bafejado pelo sereno da noite. A luz pálida da lua deixa penetrar o seu olhar cândido e terno; o seu andar é firme como o do soldado garboso, que avança impávido; o pensamento anda de permeio com as estrelas; não o prendem as loucuras desta vida, porque aspira a coisas mais elevadas.

Segue o caminho serenamente, sem desvios, alma elevada, dominado por santo entusiasmo.

O seu coração puro, palpitante de amor superior, dominado por altos pensamentos, sente o sangue vibrante e fogoso da juventude, mas sabe dominar-se e enobrecer-se.

A vida para ele não é ai que mal

(Continua na 3.ª pág.)

CATECISMO



“Ardens et
lucens.” (S. João)



VIII LIÇÃO

O Pecado Original

Haveis sentido já alguma coisa que vos atrai para o mal? Prometeis, por exemplo, serdes calmos, e eis que, por um nada, ficais irados; decidis trabalhar com ânimo, e de repente voltais à preguiça... É que há em vós uma inclinação para o mal que provém do pecado cometido pelos nossos primeiros pais, Adão e Eva.

* * *

Deus havia-os criado bons, inteligentes. Viviam felizes no Paraíso terrestre, não sabiam o que era a dor, não deviam morrer.

Na alma traziam a graça, isto é, a própria vida de Deus. O Criador amava-os, olhava-os como filhos e reservava-lhes as alegrias eternas do céu.

Eram como filhos que tudo recebem de seu pai e que deviam herdar-lhe toda a fortuna. Mas eram livres de continuar a viver na amizade de Deus ou de dela se separarem.

A prova chegou. Havia no Paraíso uma árvore chamada a *árvore da Ciência do Bem e do Mal*. Deus

havia-lhes proibido comerem do seu fruto. «Se vós o comerdes, morreréis». Ora o demónio disse, um dia, a Eva: «Se comerdes deste fruto sereis Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal». Eva escutou o tentador, e não somente comeu do fruto, mas deu dele a Adão, que, por sua vez, comeu também. Acabavam assim de se separar de seu Pai celeste para seguir o anjo rebelde. Haviam perdido a amizade de Deus, o direito à herança do céu, sentiam-se levados para o mal, começavam a sofrer e deviam morrer.

* * *

Bem mais: tendo voluntariamente destruído a sua riqueza que era a amizade de Deus, e a felicidade para a sua alma e o seu corpo, não podiam transmiti-la aos seus descendentes. É por isso que vós ao nascerdes estais privados da graça de Deus e sem direito à felicidade do céu; e reconheceis em vós a inclinação para o mal e o sofrimento no vosso corpo; é por isso que haveis de morrer e todos os homens são concebidos com o pecado original. Só a S. Virgem, a Mãe de Jesus, de que ireis, em breve, conhecer a história, foi dele preservado.

Vereis, em breve, como Jesus nos deu a amizade de Deus.

LIÇÃO

1.º — Em que estado criou Deus Adão e Eva?

— *Criou-os santos e felizes.*

2.º — Quantas vidas deu Deus a Adão e Eva?

— *Duas:*

1.ª — *A vida natural, unindo as suas almas aos corpos;*

2.ª — *A vida sobrenatural, unindo as suas almas às três Pessoas divinas.*

3.º — Adão e Eva receberam de Deus dons extraordinários?

— *Sim: não eram atraídos para o pecado, não deviam sofrer, nem morrer, e possuíam uma ciência larga.*

4.º — Qual a condição para permanecer santos e felizes?

— *A única condição era obedecerem a Deus.*

5.º — Ficaram eles submissos a Deus?

— *Não, porque, tentados pelo demónio, desobedeceram.*

6.º — Que perderam eles, com essa desobediência?

— *Perderam a vida de Deus, foram condenados ao sofrimento e à morte e sentiram-se atraídos para o pecado.*

7.º — Este pecado foi transmitido aos seus descendentes?

— *Sim e com todas as suas consequências.*

8.º — Como se chama esse estado em que nascem todos os homens, depois de Adão?

— *Chama-se o pecado original.*

9.º — A S. Virgem foi preservada de pecado original?

— *Sim e a Liturgia celebra esse privilégio no dia 8 de Dezembro.*

*

O pecado é o pior de todos os males. Foge dele.

— No dia 8 de Dezembro, a Igreja celebra a festa da Imaculada Conceição para honrar o privilégio pelo qual a S. Virgem foi concebida sem pecado original.

A cor litúrgica é o branco.

VIDA DA PARÓQUIA | OBSERVANDO E MEDITANDO

Festa do Sagrado Coração de Jesus

A tradicional festa do Sagrado Coração, criação nesta freguesia do saudoso e grande alma de padre, que foi o Sr. P.^o António Inglês, deve revestir-se este ano de todo o esplendor.

As conferências começarão no dia 26 do corrente mês e serão pre-gadas pelo distinto orador, Sr. P.^o José Felício, dos Padres do Espírito Santo, alma de fogo e plena de santo entusiasmo, e a festa terá lugar no dia 2 de Novembro. Haverá conferências especiais para homens, senhoras, rapazes e meninas, separadamente, se nada houver em contrário.

Esperam-se muitas comunhões e confissões, para o que haverá confesores de fora, vários dias, como será anunciado oportunamente.

As crianças da Cruzada serão admitidas solenemente nesses dias e há-de sair-se dessa festa com mais amor a Deus.

Haverá quermesse e esperam-se muitas fogaças dos vários lugares da freguesia.

Pede-se a todo o povo que não falte às pregaçãoes e aos associados do S. Coração que não esqueçam os seus deveres.

«Vida Paroquial»

Pagaram as suas assinaturas: — Sr. Sesinando da Conceição Loja — 15\$00. Sr.^{as} D. Angélica Agria e Sofia da Conceição Santos — 10\$00; D. Silvina Maria Correia de Sá — 7\$50. Sr. Jerónimo Pinhão — 11\$00.

Bem hajam.

(Continuado da 1.^a pág.)

soa, folha agitada pelo vento, pena que cai, é altitude, firmeza, nobreza.

O seu modo garboso, superior, encanta, seduz, eleva.

Oh! como é bela a juventude assim vivida, nobre, elevadamente. É mais alegre, mais risonha, mais senhora de si.

E o livro sublime da natureza ensina, aponta o caminho da luz e da beleza...

A noite desfez-se; veio o dia e o jovem seguiu o seu rumo, encantado com a vida, seduzido pela natureza, dignificado com o seu porte honroso...

F. S.

— 24 —

de pôr a aquecer água, como a mandaram os seus coinquilinos Serenelli, (os quais, ainda que separados absolutamente nas outras dependências da extensa moradia, serviam-se da mesma cozinha, e não tinham criada para os servir) bastando este descuido para que a mãe da Mariazinha se zangasse, dando à filha uma forte repreensão. Maria não se desculpou e só disse respeitosa à mãe: — Não se aflija, minha mãe, que doravante farei antes de tudo, aquilo que vocemecê me mandar, e depois as outras coisas.

Não era este proceder de Maria simples lampejo de bondade e de paciência, mas sim, um sentimento verdadeiramente virtuoso e fundo, adquirido na oração e contínua meditação de Jesus Crucificado.

A devoção à Paixão do Senhor, é uma devoção muito enraizada nas Marcas, terra da nossa heroína, onde os lavradores a cantam no meio das suas fainas agrícolas, formando pequenos coros, e os meninos aprendem-na facilmente de cor.

Façamos dela também nós objecto contínuo de nossas meditações, e conseguiremos os mesmos efeitos!

— 21 —

arrendado a meias com o Senhor Mazzoleni, juntamente com a família Serenelli, à qual o falecido se havia associado, obrigado pela necessidade, e esperando fazer fortuna. Mas bem cedo previu o que de facto veio a suceder. Quase que adivinhando o futuro e, como que iluminado por uma luz interior, já moribundo e delirante, repetia que a Assunção devia tornar para Corinaldo, sua terra.

Na realidade, este era também o desejo da sua desolada esposa mas, o contrato que tinha com o dito senhor, e a sua absoluta pobreza, não lhe permitiram efectivar tão cedo o sábio propósito. Quando o realizou, já tinha perdido naquela terra, tão desafortunada para ela, o seu querido e dedicado anjinho, e por obra daquele mesmo Serenelli a quem tanto beneficiara!

Entretanto a piedosa viúva devia trabalhar no campo com braços de homem, na ceifa do feno, na colheita dos outros cereais e frutos, e no resto do ano sempre curvada e agarrada às pesadas ferramentas do lavrador. Era uma vida insuportável, mas Maria vivia tranquila e resignada, porque não só achava as maneiras mais delicadas, e as mais amcorosas palavras para

HISTÓRIA

O Santo Job

No tempo dos Patriarcas, talvez após a morte de José, vivia, na Arábia, um homem de nome Job, e que, no meio duma população má e idólatra, se conservava justo e adorava o verdadeiro Deus. Rico e bom, o seu nome era tido em grande conta por toda a gente.

Permitiu Deus que o demónio o tentasse, fazendo-o passar pelas mais duras provas. Os filhos foram assaltados pelos sabeus, que lhes roubaram os gados e mataram os pastores. A casa onde os filhos viviam foi abalada por um pé de vento, e todos morreram.

Recebendo estas notícias, não

perdeu Job a serenidade nem a confiança em Deus; limitou-se a exclamar: «O Senhor mos deu, o Senhor mos tirou; seja bendito o seu santo nome».

Satã, vencido, obteve permissão de Deus, para provar a fidelidade do santo homem, de o ferir no próprio corpo. Viu-se Job coberto de lepra, desde os pés à cabeça. Sentado à frente da casa, limpava o pus das feridas com cacos de barro. Abandonaram-no os parentes e até a própria mulher lhe dirigia insultos. Nunca se revoltou contra Deus. Dizia apenas: «Das mãos de Deus recebemos os bens; porque não recebemos também os males?...»

Vieram visitá-lo três amigos,

que vendo-o naquele estado miserável começaram a chorar e nem sequer ousaram dirigir-lhe uma palavra. Quando Job falou dos seus padeceres, atribuíram-nos os amigos a algum pecado oculto, de que ele estaria a ser punido. Job afirmou a sua inocência e a sua confiança em Deus: «Ainda que Deus me tirasse a vida, não deixaria de n'Ele confiar».

Disse que acreditava na vinda do Redentor, que havia de ressuscitar e que veria a Deus na sua carne.

Deus recompensou a confiança de Job. Em breve ficou curado: ficou com mais bens do que possuía. Teve ainda sete filhos e três filhas e viveu feliz e contente até ao fim dos seus dias.

— 22 —

consolar o coração materno, mas também, com as suas obras mostrava que sabia tomar à sua conta todo o cuidado da casa e dos irmãozinhos, como se fosse uma governanta, já idosa.

Mariazinha foi uma heroína do trabalho. O seu corpo juvenil gastava-se na labuta diária. Uma ninhada de irmãozinhos e dois homens, com todo o trabalho de uma dona de casa: eis o fardo que pesava sobre ela. De manhã à fonte, ao mercado, rachar lenha, a cozinha, a lavagem da roupa, tratar dos irmãozinhos; de tarde, vestidos para remendar, meias para fazer, barulhos de crianças para aturar, homens enlameados ou poeiratos em casa... que actividade era preciso desenvolver! E ela não perdia nem sequer um minuto de tempo, diz uma testemunha. Ao lado de tudo isso uma outra cruz bem mais pesada a martirizava: a miséria.

Mais de uma vez viu como a mãe, não tendo nem um vintém na algibeira, nem uma fatia de pão no armário, chorava, lamentando a desgraça de ter ficado sem o seu amado companheiro.

A Mariazinha, então, sentia uma grande dor e, lançando-se-lhe ao pescoço, acarinhava-a e beijava-a, e repetia-lhe, mesmo fazendo força a

si mesma, para não chorar mais do que a própria mãe:

— *Coragem, mãezinha! Coragem! Dentro em pouco estamos crescidos, depressa nos faremos todos grandes... De que tem medo? Nós a sustentaremos!... Nós a manteremos!... Deus providenciará!...*

Porém, melhor que com as palavras, Maria era solícita em consolar a mãe com as boas obras. Envidava todos os esforços para não dar ocasião de se agoniar com os caprichos e as desobediências dos irmãozinhos.

Se alguma vez recebia alguma repreensão, mesmo sem a merecer, não repontava, nem atribuía as culpas aos outros, e quando se reconhecia culpada, nos seus descuidos involuntários, afligia-se até derramar lágrimas, pelo desgosto que tinha dado a sua mãe. Em tais ocasiões via-se mais aflita e humilhada do que se tivesse caído em faltas enormes. Então era o momento oportuno para apreciar o coração de anjo e de extremosa filha que tinha para com sua mãe.

Na véspera da sua morte, por querer completar certo trabalho muito urgente, esqueceu-se

— 23 —